



Pensar a Região de
Leiria

Separatas

Há, pois, em primeiro lugar, vários mapas para a mesma região:

- O do **distrito** de Leiria;
- O do distrito de **Leiria mais o concelho de Ourém**;
- O da **Divisão Educativa**: CAE de Leiria (DREC), CAE de Lezíria e Médio Tejo (DREL), CAE do Oeste (DREL);
- O da **divisão Estatística** (Nuts): Pinhal Litoral, Pinhal Interior Norte, Médio Tejo, Oeste;
- O da **divisão turística**: Região de Turismo Leiria-Fátima, Região de Turismo do Oeste, Região de Turismo do Centro;
- O da **divisão em Dioceses**: Diocese de Coimbra; Diocese de Leiria-Fátima; Diocese de Lisboa (que engloba Nazaré, Alcobaça, Caldas, Bombarral, Peniche). Esta tripartição parece estar muito próxima dos mapas identitários em construção;
- O das **antigas províncias** (extintas em 1959): a Beira Litoral (até à Batalha mas deixava já a Vieira de Leiria e Marinha Grande para a Estremadura), que terminava basicamente no rio Lis; a Estremadura (da Marinha Grande e Porto Mós para Sul);
- O da **divisão de Saúde**: Unidade de saúde de Leiria (desde a Redinha-Pombal até à Benedita; portanto Alcobaça e Nazaré estão dentro); Unidade de Saúde de Caldas da Rainha; Unidade de Saúde Ribatejo Norte (Todo o Concelho de Ourém – é curioso o nome, uma vez que Ourém estava na Beira Litoral e não no Ribatejo); Unidade de Saúde Coimbra Sul (vem até a Almoester e a Pelmá, Concelho de Alvaiázere);
- O das **Associações de Municípios**: PEFICA (Pedrógão Grande, Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pêra), ADSICÓ (Alvaiázere, Ansião e Pombal. Mas Pombal também pertence à AMAE. Da mesma forma, também Ourém pertence à AMAE (Alta Estremadura) e à AMMT (Médio Tejo)); AMAE (Alta Estremadura que não coincide com a Estremadura e mais com a Beira Litoral, e que integra Marinha Grande, Leiria, Batalha, Porto de Mós, Pombal e Ourém); AMO (Municípios do Oeste, que integra Nazaré, Alcobaça, Caldas da Rainha, Bombarral e Peniche).
- O da Divisão da **GNR** e da **PSP, Divisão judicial**, etc.;
- Muitos mapas...

Agora discutem-se as áreas metropolitanas e as comunidades urbanas. Mais mapas...!

E a vontade das populações, para além das decisões políticas? E o sentimento de pertença, como é o caso de Ourém? A pertença tece-se através de várias linhas: pertenças múltiplas, mas, também, com uma crescente identificação com Leiria-cidade com a qual os fluxos económicos e sócio-culturais têm aumentado sobremaneira.

“Ourém nunca teve nada a ver com o Ribatejo nem com nenhuma cidade do Ribatejo. Ourém, quer em termos culturais, entenda-se a elite que estudava...o eixo de estudo era Ourém-Leiria-Lisboa... Havia um liceu em Tomar e havia um liceu em Leiria mas o liceu de Tomar não era procurado pelas gentes de Ourém. Os eixos de referência sociológicos, anímicos, relacionais, sociabilizantes, etc., eram Ourém, Leiria, Coimbra ou Lisboa. As pessoas

não vão fazer compras a Tomar, as pessoas se não comprarem em Ourém vão a Leiria, e, lá está, era fino ir comprar a Leiria. Em termos de estrutura militar, o quartel-general onde eu me recenseei foi Leiria [...]"

(Extracto de entrevista realizada num café, em Caxarias – Ourém, em 10 de Abril de 2003.)

Situemo-nos ainda nas tais questões sócio-morfológicas. Vejamos alguns apontamentos estatísticos para termos alguns dados objectivos sobre a região (numa versão maximalista) e, neste contexto, absolutamente de forma sintética.

	Área Total (Km ²)	Densidade Populacional (Hab/Km ²)		População Total		Grupos Etários					
		1991	2001	1991	2001	1991			2001		
						≤14	15 a 64	≥65	≤14	15 a 64	≥65
Leiria (Concelho)	568,3	180,8	210,9	102762	119847	21897	69288	11577	20558	82675	16614
Ourém (Concelho)	416,1	96,5	111	40185	46220	8076	25623	6486	7815	29801	8600
Leiria (Distrito)	3509	1985,8	2078	426152	459426	83120	281835	61197	72575	306788	80063
Leiria (Distrito) + Ourém	3925,1	2082,3	2189	466337	505646	91196	307458	67683	80390	336589	88663

Dados – INE/2001

A área total do distrito de Leiria mais o concelho de Ourém é de 3925 Km². Eis alguns dados relativos ao crescimento demográfico entre o censo de 1991 e de 2001:

16% Concelho de Leiria

15% Concelho de Ourém

8% Distrito de Leiria

8% Se adicionarmos distrito de Leiria + Ourém

	Tx Actividade (%)		Tx Desemprego (%)	
	1991	2001	1991	2001
Leiria (Concelho)	44,2	50,4	3,6	3,7
Ourém (Concelho)	39,9	44,1	3,2	3,4
Leiria (Distrito)	41,01	47,4	1,7	3,06

Dados – INE/2001

Quanto à taxa de actividade, ela aumentou:

Leiria – 14%

Ourém – 11%

Distrito de Leiria – 16%

Quanto à taxa de desemprego, essa ficou estável.

Situemo-nos agora nessa perspectiva dinâmica da identidade enquanto processo de construção/reconstrução dos sentimentos de pertença a uma região. Primeiro, dois

apontamentos conceptuais, para percebermos as linhas com que nos cosemos, e, portanto, para precisarmos alguns dos conceitos que usamos nestas análises e com os quais lemos a empiria, os dados.

Assim, antes de mais, vejamos o que a identidade não é:

A identidade não é igual nem a cultura material nem a cultura imaterial. A identidade serve-se da cultura para marcar a diferença; para distinguir os de aqui dos de fora, os que classificamos como "outros", como veremos em várias comunicações hoje e amanhã.

A ideia é, em primeiro lugar, pensar que a identidade não é uma coisa acabada. Não é uma essência necessariamente materializada no património arquitectónico, monumental, etnológico ou outro. A identidade não é sinónimo de algo herdado do passado. Esse apego primordialista da busca da identidade leva a um olhar dualista sobre a mesma: ou se tem ou não se tem identidade. Ora, a identidade como processo de identificação, é dinâmica e é simultaneamente passado (a memória), presente e futuro (o projecto colectivo). Não estamos, portanto, a falar do "carácter único, regional e idiossincrático de Leiria" à semelhança do que fez o antropólogo Jorge Dias, para Portugal, em meados do século passado, ou mesmo Jaime Cortesão no seu "Universalismo da Cultura Portuguesa".

O nosso olhar não é o do folclorista que tantas vezes coisifica a cultura de cada espaço em volta de denominadores comuns relativos à habitação, à indumentária, ao património, à gastronomia, etc., encerrando a cultura num passado fossilizado e fechando-se à ideia do projecto que cada comunidade idealiza para si, planifica, e tantas vezes concretiza.

Para José Mattoso (1998), na sua obra *A Identidade Nacional*, e retomando o trabalho do psicólogo Erik Erickson (1980), para identificar um objecto é preciso: 1) distingui-lo de qualquer outro; 2) atribuir-lhe um significado; 3) conferir-lhe um valor.

A identidade é, aqui, também, e antes de mais, um sentimento de pertença, de identificação. Assim, neste modo de pensar, pessoas há que poderão ser culturalmente diferentes e identificarem-se com as mesmas coisas: mesmos símbolos, mesmos ideais, os mesmos centros de poder, etc. Pode haver identidade na diversidade. Identidade não é necessariamente sinal de uniformidade cultural. Identidade é força colectiva, criadora também de novos futuros. Novos futuros que, também, não têm que romper necessariamente com todo o passado. Podem, ao invés, readequá-lo a novas conjunturas económicas, novas oportunidades políticas que reconstroem o todo social e sentimento de pertença, de auto e de heteroimagem.

A cultura releva de inconsciente e a identidade, ao invés, releva de tomada de consciência.

A identidade é relacional. A identidade não é, pois, como disse, algo de absoluto, uma essência única e distinta de todas as outras. A distinção é também uma construção. A diferença com a qual nos comparamos para nos tornarmos fortes é, assim, tantas vezes criada, para não dizer mesmo inventada. Estamos, nesta linha, próximos do que nos diz o historiador Eric Hobsbawm (1983) na sua obra *A invenção da tradição*.

As pessoas e as comunidades não se pensam no vazio. Fazem-no de uma forma relacional. Fazem-no por referência a outrem. Haverá uma região de Leiria que se opõe a outras

regiões? Em termos físicos, coincidirá ela com o distrito? Ou, pelo contrário, o distrito é apenas um dos muitos mapas que se conhecem onde a cidade de Leiria é capital?

A identidade não é qualquer coisa de essência cultural acabada e necessariamente homogênea. Pode haver diversidade cultural e um forte sentimento de pertença. A identificação faz-se através de várias vias, por vários fluxos, sejam eles económicos, sociais, comunicacionais, culturais, etc. de natureza mais ou menos objectiva, e por formas mais subjectivas que urge estudar para conhecermos “as linhas com que se cosem as pertenças” a uma região.

Por isso a identidade não só é relacional como, necessariamente, antagonística, na medida em que uma tomada de opção por uma dada identificação obriga, em simultâneo, a uma rejeição. A título de exemplo, não será possível Alcobça optar por aderir à criação duma “área metropolitana de Leiria” e, simultaneamente, aderir a uma comunidade urbana a par das Caldas da Rainha.

Em síntese, a identidade duma região pode, não só, reconstruir-se, fragmentar-se ou reforçar-se e consolidar-se. Por isso não podemos ficar exclusivamente ancorados na memória. Possivelmente, há mesmo que assumir o projecto de criação da região duma forma mais investida.

A região de Leiria tem, no contexto actual, vários eixos, vias, linhas, etc. com que pode coser pertenças sólidas a um centro.

A A1 e a A8, a auto-estradas principais do país que habitamos, cruzam-se em Leiria cidade.

A Linha do Norte pode vir a ser ligada à auto-estrada A1 e mesmo à linha do Oeste, como já várias individualidades defenderam em textos publicados regionalmente. Ora, esta rede viária e ferroviária, a par do novo aeroporto da Ota e do pretenso TGV a servir a região de Leiria, permitiriam reforçar e adensar as pertenças a um território que se distinguiria de Coimbra, de Aveiro e mesmo da Grande Área Metropolitana de Lisboa.

O mesmo para Fátima enquanto espaço sagrado, altar do mundo mas, também, perfeito símbolo de identificação e de sinalética para os habitantes de Leiria quando estão no estrangeiro e mesmo em espaços mais recônditos do nosso país.

“Eu acho que se estivermos longe e nos quisermos situar as pessoas dizem todas Fátima porque Fátima todos conhecem, praticamente, pelo Santuário. Se nos quisermos situar mesmo lá em baixo no Algarve as pessoas dizem Fátima [...]”

(Extracto de uma entrevista realizada numa papelaria em Ourém, em 10 de Abril de 2003)

Fátima é, de certeza, região de Leiria. Para já, culturalmente e em termos de identidades subjectivas: as pessoas dizem ser de Leiria, não de Santarém. Administrativamente, é-o também no contexto dos mapas diocesanos e da própria região de turismo Leiria-Fátima.

O próprio IPL tem construído um novo mapa da região: o território da sua influência. Assim, o IPL cria, seguramente, nas populações, um espírito de pertença e identificação com uma instituição de ensino superior.



O próprio clube "União de Leiria" não está divorciado da região como me questionava há tempos atrás um jornalista. A "União de Leiria" não está divorciada porque ainda não se casou. Primeiro é preciso casá-la com a região. E isso significa encontrar estratégias de promoção do clube na região que poderia, claramente, funcionar como outra bandeira identitária da região de Leiria.

Por fim, um outro símbolo identificador é a própria diversidade da região, do ponto de vista paisagístico, cultural, económico, social, à semelhança do que se passa com o panorama português, que, ao invés de ser visto como problema, deveria tornar-se mais potencial de afirmação. De facto, essa diversidade, marca da região, obriga à complementaridade de que fala Durkheim a propósito da solidariedade orgânica. Ela pode, pois, ser outra bandeira identitária da região a criar para além dos mapas já traçados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GIRÃO, Amorim (1949), *Geografia de Portugal*, Porto, Portucalense Editora, SARL.
- ADLEI (1995), *II Congresso do distrito de Leiria e Alta Estremadura: ouvir o passado, navegar o futuro*, Leiria, Adlei.
- MATTOSO, José (1998), *A Identidade Nacional*, Lisboa, Fundação Mário Soares.
- MATTOSO, José (1985), *Identificação de um país*, Lisboa, Editora Estampa.
- DUARTE, Feliciano Barreiras (2002), *Leiria – Gigante Económico Anão Político*, Lisboa, Âncora.
- ERICKSON, Erik H. (1980), *Identity and the life cycle*, New York, W. W. Norton & Company.
- ERICKSON, Erik H. (1966), *Enfance et société*, Neuchatel, Delachaux et Niestlé.
- HOBSBAWM, Eric (1983), *The Invention of Tradition*. Cambridge, Cambridge University Press.



B 1 4 5 0 0 5

Leiria

9
L
1